

Barbara Hlibowicka-Węglarz

Os processos de formação dos pidgins e dos crioulos

1. Os diferentes tipos de contacto entre a língua portuguesa e outras línguas africanas, asiáticas e americanas na época da expansão e colonização portuguesa, assim como as situações sociolinguísticas decorrentes da miscigenação das populações estiveram na origem de manifestações linguísticas bem distintas. Os contactos multilíngues obrigaram, ou à aquisição de novas línguas, ou ao recurso a formas de línguas veiculares ou ainda à formação das formas de linguagem novas. Aquela época tão rica em acontecimentos históricos, sociais e linguísticos foi propícia sobretudo à formação de diferentes pidgins e de numerosos crioulos de base portuguesa.

2. Os primeiros contactos favoreceram a formação de **pidgins**¹, formas de linguagem que nasceram em situações de contacto entre falantes de línguas maternas diferentes. Os pidgins apareceram em contextos de urgência comunicativa, quando os representantes de dois grupos de falantes tiveram necessidade de comunicação imediata, como ocorreu durante a exploração do mundo pelos europeus. Por causa disso Dulce Pereira (1985) diz que um pidgin é uma forma de linguagem

¹ Como diz Couto (1996) a palavra *pidgin* teria provindo da expressão inglesa *business English*, como pronunciada pelos chineses em seus contactos com os colonizadores ingleses.

"inventada" para efeitos de comunicação muito reduzida em contextos multilíngues, em que uma das línguas é socialmente dominante. O pidgin é muitas vezes suportado por outras formas de linguagem, como por exemplo a gestual, e que a sua interpretação depende do recurso ao contexto situacional.

Acredita-se que o primeiro pidgin de certa importância na história teria sido uma variedade de português, falada ao longo de toda a costa africana e em toda a rota marítima, desde os primeiros anos das Grandes Navegações.

Os pidgins são línguas veiculares simples, de uso bem restrito, são línguas acessórias, subsidiárias que não substituem a língua de origem dos que as falam, mas são usadas em diferentes contextos e situações de intercâmbio. É uma forma de linguagem que facilita a comunicação imediata entre as populações heterogêneas. Assim pode-se dizer que os pidgins correspondem às necessidades, muitas vezes bem limitadas, e são usados, por exemplo, nas trocas comerciais ou nas relações de trabalho (em plantações, em fortes, etc.). É importante sublinhar que os pidgins nunca funcionam como línguas maternas. Como diz Hildo Honório Couto (1996) "o pidgin não é língua materna de ninguém, pois entre si os povos dominados só falam suas respectivas línguas, ao passo que os dominadores nunca se dão ao trabalho de falar outra língua que não a sua própria". Uma das condições necessárias para que um pidgin se torne um crioulo aparece quando as novas gerações adquirem os pidgins como língua materna. Neste contexto, os pidgins diferem consideravelmente dos crioulos que são verdadeiras línguas naturais.

O pidgin corresponde aos primeiros estádios da aprendizagem espontânea da língua do grupo socialmente dominante pelos falantes das outras línguas. Mas, como se sabe, esta aprendizagem ocorre em condições sociais muito específicas, mais ou menos adversas. Conforme as circunstâncias sociais e linguísticas, o pidgin inicial pode evoluir de maneiras diferentes. Dulce Ferreira fala de dois graus diferentes desta evolução e distingue um pidgin "endógeno" e um pidgin "exógeno". No caso de um pidgin "endógeno", devido a distância social entre as comunidades linguísticas implicadas no

processo, o grupo de falantes da língua base² deixa de ter contacto com a segunda língua, utiliza o pidgin nas situações necessárias de comunicação, e continua a utilizar a sua língua materna em todas as outras situações de comunicação. Neste caso, se não aparecer outra língua veicular substituta, estamos perante a estabilização do pidgin inicial. Quando os falantes da língua base são afastados das suas culturas vernáculas por diferentes tipos de razões sociais, e o pidgin torna-se a única linguagem comum em todas as situações de comunicação, estamos perante o pidgin "exógeno", o que representa a situação típica das sociedades dos escravos.

Os pidgins caracterizam-se por um léxico e morfologia muito reduzidos da língua dominante. Quanto ao léxico, o pidgin pode funcionar com apenas algumas centenas de unidades, ou pouco mais de mil palavras. Quanto à simplicidade estrutural, os linguistas citam os seguintes traços morfo-sintáticos como mais típicos dos pidgins: a não ocorrência dos artigos, a ausência da marca de plural no SN e a ausência de morfemas de tempo, modo e aspecto associados ao verbo (salvo os adverbiais *já* e *logo* que nos pidgins podem assumir estas funções). Estes traços característicos dos pidgins permitem distinguir os pidgins da norma da língua base (dominante), e ao mesmo tempo, não se encontram nos crioulos posteriores. Assim, o pidgin não pode assumir as funções de uma língua natural, pois lhe faltam meios para verbalizar várias informações.

Apesar de que o pidgin é caracterizado pela simplicidade estrutural, pode atingir diferentes níveis de complexidade gramatical. Veja-se que já os primeiros contactos e a necessidade de se comunicarem leva os falantes a um processo de desestruturação das línguas originais, ou seja, um processo de *desgramaticalização*. Já nesse momento estamos perante o início do processo que em crioulista se chama de *pidginização*. Analisando as necessidades comunicativas dos seus utilizadores, os linguistas distinguem algumas

² À língua dominante, que contribui com o léxico para a formação do pidgin, dá-se o nome de língua base. Assim, o pidgin cujo léxico deriva da língua portuguesa é um pidgin de base portuguesa.

fases do desenvolvimento de um pidgin, entre outras, pidgin instável, pidgin estável e pidgin expandido³. Na fase do pidgin estável, a fala holofásica, que constitui a característica básica do pré-pidgin⁴ (fase de estruturação de um pidgin inicial chamado também pidgin instável ou jargão), é substituída por frases com estrutura gramatical mais complexa. Na fase do pidgin expandido, a sua estrutura gramatical é semelhante em complexidade à de qualquer outra língua natural, mas que não tem ainda falantes nativos. Quando um pidgin passa a ser língua materna de uma comunidade torna-se crioulo.

Podemos representar graficamente todas as fases mencionadas de formação do crioulo da seguinte maneira:

pidginização criouliização
pidgin instável, jargão -----> pidgin estável -----> crioulo

Os crioulistas distinguem também a fase chamada pós-crioulo que é uma fase de desenvolvimento de um crioulo que volta a ser fortemente influenciado pela língua lexicificadora, o que reaproxima o crioulo a língua dominante e que recebe o nome de *descriouliização*.

Concluindo podemos dizer que, nesta diversidade de situações sociolinguísticas que estão na origem de formação de um pidgin, uma vez formado um pidgin, ele pode manter-se e estabilizar-se, como forma de comunicação veicular, coexistindo com as línguas maternas. O pidgin pode também relexificar-se, quando difundido em regiões de línguas dominantes diferentes ou quando apropriado pelos falantes dessas línguas. Os pidgins, como formas linguísticas de recurso, podem desaparecer quando desaparecem as condições que os tornaram necessários. Nem sempre os pidgins sobrevivem ou dão origem a crioulos. Mas, quando o pidgin passa a língua materna das novas gerações inicia-se o processo de *criouliização*. Este implica uma

³ Cf. Xavier, M.F., Mateus, M.H., *Dicionário de termos linguísticos*, vol.1, p. 287.

⁴ Muhlhauser (1986: 1-11) chama o estágio inicial de jargão, ou pré-pidgin, *multilingual idiolect* e *secondary hybrid*. Hymes (1971) fala de um pidgin instável.

reestruturação da gramática, e a formação de regras, de modo a que possa cumprir todas as funções de uma língua natural. Alguns linguistas chamam este processo de *gramaticalização*⁵.

3. De modo geral, *crioulos*⁶ são línguas naturais formadas pela expansão lexical, reestruturação e complexificação estrutural de um pidgin que se torna a primeira língua de uma comunidade relativamente estável. Por isso, pode-se dizer que o crioulo é um ex-pidgin, ou seja, um pidgin que virou língua materna de uma comunidade. Os crioulos, uma vez formados, passam a constituir símbolos de identidade de um grupo social.

Para explicar a origem dos crioulos, assim como as diferenças principais que distinguem os pidgins dos crioulos, é preciso tomar em conta, pelo menos, dois tipos de factores: factores histórico-sociais e factores estruturais. H. H. Couto (1996: 199) sublinha que, como a grande parte dos traços atribuídos ao pidgin são compartilhados pelos crioulos, levando-se em conta apenas a estrutura, não é possível distinguir os crioulos dos pidgins como uma categoria a parte⁷. O autor mencionado continua que por isso "até o presente momento, não há nenhuma maneira segura de identificar como crioulo uma língua cuja história seja desconhecida"⁸. Assim, em primeiro lugar, na definição de um crioulo é necessário tomar em consideração os critérios sócio-históricos. Os crioulos surgem sempre em comunidades multilíngues, surgem como resultado de colonização da Ásia, África e América pela Europa, e em geral, em ilhas ou em regiões isoladas

⁵ Couto, 1996.

⁶ Segundo Couto (1996) a palavra *crioulo* teria sido formada originalmente em português. Na opinião de Leite de Vasconcelos (1928: 364) tem a sua origem no verbo *criar*. Depois, teria passado ao espanhol como *criollo*, ao inglês como *creole*, ao francês como *créole*. Segundo o autor mencionado a palavra alemã *Kreol* parece ter vindo das formas inglesa e francesa.

⁷ Também para Mufwene (1989) e Calvet (1992), tanto os critérios estruturais quanto históricos tem que ser considerados na definição dos pidgins e dos crioulos.

⁸ (DeCamp, 1971; Bollé, 1977) citados por Couto (1996: 35).

(critério conhecido como *insularidade*). Segundo Chaudenson⁹, uma outra característica dos crioulos é a exogeneidade das populações.

Quanto aos critérios estruturais, inerentes, que caracterizam os crioulos, Couto cita os seguintes: número de fonemas menor do que o das línguas que entram em sua formação, léxico menos numeroso do que o das línguas de superstrato e substrato, preferência pela estrutura silábica CV - em geral em vocábulo disslábico, ausência quase total de morfologia derivacional e flexional, as funções sintáticas marcadas preferencialmente pela ordem, em geral SVO.

Vários linguistas têm tentado uma apresentação dos critérios estruturais dos crioulos que permitissem distinguir os crioulos dos pidgins. Entre eles, Taylor (1971) apresentou doze traços, Muhhauser (1986) - nove e Bickerton (1981) - doze. Embora estas propostas de distinção se diferenciem umas das outras, no entanto, a maior parte dos traços repetem-se em todas as classificações. Entre os numerosos traços característicos dos crioulos citados por linguistas diferentes, Bickerton (1981)¹⁰ na sua proposta, enumera os traços seguintes:

- ordem dos constituintes do enunciado de tipo SVO:

No pidgin não existem nenhuma regras quanto à ordem das palavras no interior do enunciado. O seu conteúdo semântico pode ser decodificado só devido ao contexto.

Como os crioulos não dispõem de casos e, em geral, de preposições para marcar as funções sintáticas, é a posição dos constituintes no enunciado que indica a sua função. Como diz Couto (1996: 37) essa ordem fixa é um dos universais da criouliização. Em geral, é a ordem SVO que é fixa, mas pode ser também SOV, VOS, etc. Os exemplos abaixo que provêm do crioulo da Guiné-Bissau representam a ordem SVO, a ordem mais frequente:

- (1) *rapas misti bajuda* = o rapaz gosta da moça.
- (2) *Ikumel = ele comeu-a*

Uma diferença entre o pidgin e o crioulo dele derivado é a possibilidade de haver regras de movimento à esquerda, sempre com o

⁹ Chaudenson (1989: 23) citado por Couto (1996: 34).

¹⁰ Bickerton (1981) citado por Couto (1996: 36-50).

objectivo de focalizar o constituinte em questão. Como se vê em (3), estamos perante a inversão do objecto no guineense, o que não é muito comum nesse crioulo:

- (3) *lion ke i na pape* = Meu pai é o leão
(é o leão que é meu pai)

- surgimento de artigos:

Segundo Bickerton, uma segunda característica dos crioulos relativamente aos pidgins é o surgimento de artigos. Segundo o autor citado, embora as regras de uso dos artigos sejam diferentes nos crioulos do que nas línguas europeias, praticamente todos os crioulos têm um artigo definido, um artigo indefinido e um artigo zero. Os exemplos abaixo¹¹ ilustram estes casos:

- (4) *Jan bai di buk* = João comprou o livro (o livro definido)
 - (5) *Jan bai wan buk* = João comprou um livro (trata-se de um livro particular)
 - (6) *Jan bai buk* = João comprou livros (não importa quais)
- sistema de marcação de categorias: tempo - modo - aspecto (sistema TMA)¹²

Uma terceira característica dos crioulos é o uso de diferentes partículas antepostas ao radical verbal para marcar a categoria de tempo, de modo e de aspecto. Vale a pena recordar que enquanto as línguas europeias têm como referência o momento de enunciação (sendo tudo ou presente, ou passado, ou futuro), as línguas crioulas têm como referência à própria acção (assim, esta acção só pode ser narrada depois de ocorrida).

Bickerton propõe atribuir o traço [\pm anterior] como característica de categoria de tempo, o traço [\pm irreal] para a categoria de modo, e o traço [\pm não-punctual] para caracterizar o aspecto. Segundo o autor acima citado todos os crioulos desenvolveram um sistema TMA de mesmo modo.

¹¹ Os exemplos provêm de Couto (1996: 38).

¹² Para ver o funcionamento do sistema TMA com mais detalhe, ver Bickerton (1981), Couto (1996), Singler (1990).

D. Pereira (1996:557) cita os exemplos do crioulo Cabo-Verdiano, explicando que no crioulo citado ocorrem os diferentes morfemas que codificam as distinções temporais, modais e aspectuais. Os morfemas de aspecto, tais como: *0* para designar [+pontual], *ta* para [-pontual] e o morfema *sa* para designar [+curativo]; assim como o morfema de modo *al* para designar [+irrealis] precedem sempre a forma verbal. O morfema de tempo *-ba* para designar [+anterior] é postposto ao verbo. Vejam-se a este propósito os exemplos abaixo:

- (7) *e kanta* = ele cantou
- (8) *es kanta* = eles cantaram
- (9) *e ta kanta* = ele costuma cantar, ele vai cantar
- (10) *e sa ta kanta* = ele está a cantar, ele vai cantar
- (11) *e kantaba* = ele tinha cantado, ele estava a cantar
- (12) *e al kanta* = ele há de cantar

• complementos sentenciais: realizado *vs* não-realizado
 Segundo Bickerton todos os crioulos fazem distinção entre complementos sentenciais: realizado *vs* não-realizado, o que mostram os exemplos do guineense abaixo:

- (13) *i ba studa* = ele foi estudar (e estudou)
- (14) *son falta pa pui lampa* = só falta pôr as lâmpadas na casa

No crioulo de Guiné-Bissau, *ba* é equivalente de *go* (realizado), enquanto que *pa* (para) corresponde a *fo* (não-realizado).

• estratégias para orações relativas
 Uma outra característica dos crioulos relativamente aos pidgins é o surgimento das estratégias novas para orações relativas.

- (15) *yu si di alian get koknat* = Você vê a ilha QUE tem coqueiros (havaiano)
- (16) *wan a dem a di man bin di bam* = Um deles era o homem QUE tinha a bomba (guineense)

• negação dupla e a negação múltipla
 O autor cita exemplos do crioulo guineense com a negação dupla (17), tripla (18) e até quadrúpla (19), negação muito frequente nos crioulos:

- (17) *i ka sibi nada* = Ele não sabe nada
 - (18) *N ka oja nin nada* = Eu não vi nada
 - (19) *i sai janan, nin i ka fala ningin nada* = Ele saiu sem dizer nada a ninguém
- uso dos adjetivos como verbos
 Muitas vezes os adjetivos funcionam como verbos, o que ilustram os exemplos abaixo do crioulo guianense:

- (20) *i wok* = Ele trabalhou
- (21) *ia wok* = Ele está trabalhando

• interrogação
 De modo geral os crioulos não apresentam nenhuma diferença sintáctica entre as frases afirmativas e as frases interrogativas. Neste caso a diferença é marcada pela entoação. Quando aparecem as palavras interrogativas, são frequentemente bimorfêmicas, como por exemplo:

- (22) *kal dia ki bu bin?* = Quando voce veio? (ontem)
- (23) *kal anu ki bu bin?* = Quando voce veio? (o ano passado)

• expressão de existência e posse
 Numa grande parte dos crioulos a existência e a posse é representada por meio de um único verbo. Vejam-se os exemplos do guineense abaixo:

- (24) *N tene dus mangu* = Eu tenho duas mangas
- (25) *i ka ten yagu* = Não há água

• cópula
 Como frequentemente os adjetivos funcionam como verbos nos crioulos, em geral eles não tem cópula.

- construções passivas
 Bickerton diz que "construções passivas são raríssimas e as que existem (...) são ou perifrásticas na língua ou empréstimo recente ao superstrato, ou ambos"¹³.
- (26) *liti na firbi* = o leite ferve (no crioulo guineense)
- (27) *liti na firbinidu* = o leite está sendo fervido

¹³ Bickerton (1981: 71-72) citado por Couto (1996: 45).

- serialização verbal

Nos crioulos surgem frequentemente os chamados verbos seriais. Em geral trata-se de funções sintáticas indicadas por verbos seriais em vez de preposições:

(28) *e fã dá ine* (São-tomense)

ele falar dar eles = Ele falou a eles

4. Como se sabe os crioulos não surgiram dos primeiros contactos entre europeus e não europeus. Os crioulos formaram-se gradualmente, progressivamente, a partir de idiomas de recurso, tais como pidgins ou línguas francas.

Uma vez formado o crioulo, em condições de estabilidade social, nas comunidades caracterizadas por pouca funcionalidade das línguas maternas e de fraco acesso a língua dominante, os crioulos passam a funcionar como línguas maternas das novas gerações de crianças que nasceram nestas comunidades.

Vale a pena acrescentar que o crioulo assim formado pode manter-se e estabilizar-se, ou, nas condições de coexistência do crioulo durante um largo espaço de tempo com uma língua de maior prestígio social, pode começar a descreioular-se; isto é, gradualmente perder as suas características próprias, substituindo as suas estruturas por estruturas da língua de contacto, por formas linguísticas da língua que goza de mais prestígio. Um tal processo de assimilação dá origem a outros processos de evolução que vão do crioulo menos assimilado, chamado basilectal, ao mais assimilado, chamado acrolectal.

Bibliografia

- BICKERTON, D., (1981): *Roots of language*, Karoma, Ann Arbor.
 BOLLEF, A., (1977): "Pidgins und kreolische Sprachen", in: *Studium Linguistik*, 3, pp. 48-76.
 CALVET, L.-J., (1992): "Ce que la linguistique doit aux études créoles", in: *Études Créoles*, XI, 1., pp. 9-40.
 COUTO, H. H., (1996): *Introdução ao estudo das línguas crioulas e pidgins*, Editora Universidade de Brasília.

- CHAUDENSON, R., (1989): "Créolisation linguistique et créolisation culturelle", in: *Études Créoles*, XII, 1., pp. 53-73.
 DECAMP, D., (1971): "Introduction: The study of pidgin and creole languages", in: HYMES, D., (org.), pp. 13-39.
 HYMES, D., org. (1971): *Pidginization and creolization of languages*, Cambridge University Press, Cambridge.
 MUFWENE, S., (1989): "La créolisation en bantou: les cas du kinba, du lingala urbain et du swahili du shaba", in: *Études Créoles* XII, 1., pp. 74-106.
 MÜHLHAUSER, P., (1986): *Pidgin and Creole Linguistics*, Basil Blackwell, Oxford.
 SINGLEY, J. V., (1990): *Pidgin and creole tense-mood-aspect systems*, John Benjamins, Amsterdão.
 TAYLOR, D., (1971): "Grammatical and lexical affinities of creoles", in: HYMES (org.), pp. 293-296.
 VASCONCELOS, J. Leite de, (1928): *Antroponímia portuguesa*, Imprensa Nacional, Lisboa.
 PEREIRA, D., (1985): "Transformações da língua portuguesa em África", in: *Actas do Colóquio Internacional A língua Portuguesa em África*.
 PEREIRA, D., (1996): "O crioulo de Cabo Verde", in: Hub Faria, I., Ribeiro Pedro, E., Duarte, I., Gouveia, C. A. M., (org.) *Introdução à Linguística Geral e Portuguesa*, Caminho, Lisboa.
 XAVIER, M. F., MATEUS, M. H., (1990): *Dicionário de Termos Linguísticos*, vol. I, Edições Cosmos, Lisboa.